


O restauro da Praça Euclides da Cunha: a paisagem sertaneja de volta ao jardim

Joelmir Marques da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil
Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), Azcapotzalco, México
International Scientific Committee on Cultural Landscapes (ISCCL – ICO-MOS-IFLA)

 <https://orcid.org/000-0002-8323-7171>
E-mail: joelmir_marques@hotmail.com

Resumo: Inspirado na paisagem do sertão, Burle Marx projetou a Praça Euclides da Cunha com o objetivo de semear a alma brasileira. A praça abrigou espécies vegetais da Caatinga pernambucana, que favoreceu a criação de um jardim de caráter ecológico. Primeiro por representar um recorte do ecossistema da Caatinga e, segundo, por ter respeitado as condições ecofisiológicas de cada espécie. Com o passar do tempo a Praça Euclides da Cunha entrou em processo de descaracterização que somente foi revertido com o restauro. Desta maneira, se objetivou com este artigo apresentar as ações que contribuíram para a descaracterização da Praça Euclides da Cunha, assim como o percurso traçado e percorrido para o restauro. Ressalta-se que a execução do projeto de restauro foi realizada pela Prefeitura do Recife, porém toda pesquisa que antecede o ato de restaurar foi realizada pelos pesquisadores do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco: Ana Rita Sá Carneiro, Liana de Barros Mesquita e Aline de Figueirôa Silva.

Palavras-chave: Burle Marx; Recife; Pernambuco; Caatinga; Botânica histórica; Arte; Paisagismo.

221

The restoration of Euclides da Cunha Square: the *sertaneja* landscape back to the garden

Abstract: Burle Marx designed Euclides da Cunha Square with the objective of sow brazilian soul inspired in the *Sertão* (backlands) landscape. The square owned plant species of the *Caatinga* from the State of Pernambuco, which provided the creation of a garden with ecological character; first, it represents a clipping of *Caatinga* ecosystem and, second, it respects ecological and physiological conditions of each specie. Over time and for lack of knowledge about the original project, Euclides da Cunha Square started a process of decharacterization that was reverted with the restoration. In this way, this article has the purpose of present the actions that contributed to decharacterization of Euclides da Cunha Square, just as the process walked to the restoration. It is highlighted that the execution of the restoration project was implemented by the municipality of Recife, however all the research that precedes the act of restoring was executed by the researchers of the Landscape Laboratory of the Federal University of Pernambuco: Ana Rita Sá Carneiro, Liana de Barros Mesquita e Aline de Figueirôa Silva.

Keywords: Burle Marx; Recife; Pernambuco; Caatinga; Historical botany; Art; Landscaping.

Texto recebido em: 28/10/2018

Texto aprovado em: 19/07/2020

O projeto de Roberto Burle Marx para a Praça Euclides da Cunha, uma visão geral

O cacto

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária: Laocoonte constringido pelas serpentes,
Ugolino e os filhos esfaimados.
Evocava também o seco Nordeste, carnaubais, caatingas...
Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

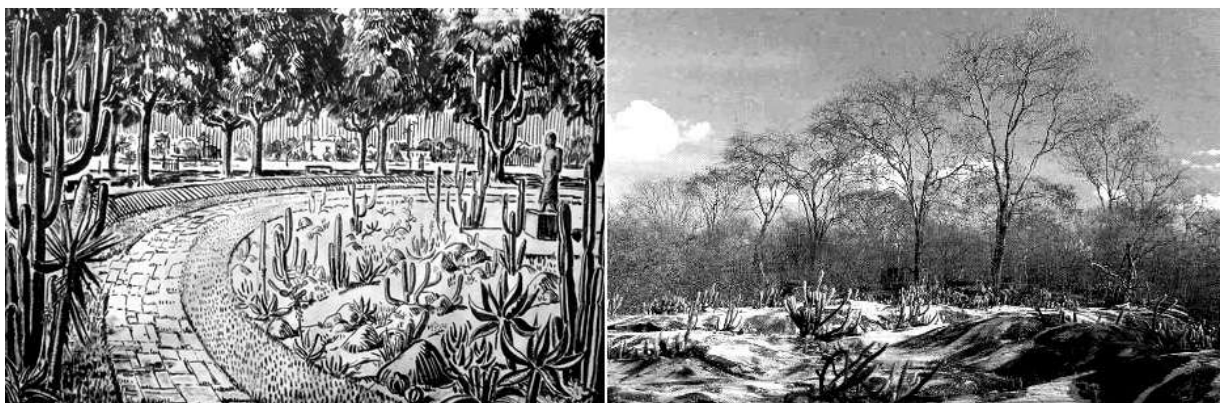
Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.
O cacto tombou atravessado na rua,
Quebrou os beirais do casario fronteiro,
Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,
Arreventou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou a cidade de iluminação e energia:

Era belo, áspero, intratável.

Manuel Bandeira, 1925

A Praça Euclides da Cunha foi pensada por Burle Marx com o propósito de semear a alma brasileira e, para tanto, empregou uma tipologia vegetacional característica do Nordeste - a Caatinga, com destaque para os cactos. A Caatinga é “a maior das zonas fitogeográficas. Caracteriza-se por uma vegetação de porte médio a baixo, tipicamente tropófila (decídua) rica de espinhos, na qual se interpõem cactáceas e bromeliáceas. O clima é seco. O solo em grande parte é raso” e é dividida em agreste e sertão (ANDRADE-LIMA, 2007, p. 265) (Figura 1).

222



Fonte: Diário da Tarde, 1935, p.1; Portal Vascobio, respectivamente.

FIGURA 1

Comparação entre o desenho da Praça Euclides da Cunha, realizado por Burle Marx e uma área de caatinga de Pernambuco, onde se observa claramente o respeito às condições ecológicas

Os estudos realizados pelo escritor Euclides da Cunha, presentes no livro *Os Sertões*, contribuiu significativamente, segundo Burtle Marx, na concepção da praça, assim como sua experiência no Jardim Botânico de Dahlem, na Alemanha, onde observou as espécies vegetais brasileiras em plena harmonia mediante a associação realizada pelo botânico Heinrich Gustav Adolf Engler. Também não podemos esquecer da importância que teve a Semana de Arte Moderna de 1922 e tudo o que desencadeou ao longo dos anos.

A vegetação nativa, principalmente o cacto, foi amplamente usada durante o movimento moderno no Brasil de forma a imprimir a brasilidade [*alma brasileira*], seja na literatura de Manuel Bandeira, nas pinturas de Tarsila do Amaral e Lasar Segall, como no paisagismo de Mina Klabin Warchavchik para as casas modernistas de Gregori Warchavchik (Figura 2). Nas palavras de Tarsila do Amaral, “a natureza é nossa maestra: quanto mais o artista se aproxima dela, tanto mais perfeito será. Sem a pretensão de imitar [a natureza] criamos humildemente, nos limites de nossa capacidade intelectual. Fazendo assim, continuamos apenas o trabalho da natureza” (UMA PINTORA, 1928, p. 3).

Em Bandeira o cacto é o protagonista de uma fábula contemporânea, de uma pequena tragédia cotidiana, que mescla imigração e destino, ao mesmo tempo lugar de chegada e sina; em Tarsila do Amaral é o modelo para a (de) formação de seu abaporu, do antropófago primitivo-modernista, que digere (a cultura dos) europeus; e em Segall é símbolo da miséria e do sofrimento. Na polissemia de seu cubismo multifacetado, o cacto é não só um primitivo-modernista enraizado na paisagem local, como ainda um símbolo transnacional, dada sua presença nas vanguardas mexicanas, de Diego Rivera a Juan O’Gorman – ou na arquitetura do sul dos Estados Unidos no mesmo período (ROCHA, 20018, p. 8).



Fonte: Para Todos, 19/05/1928, p. 36; Museu Lasar Segall; Ilustração Brasileira, 1929, p. s/p, respectivamente.

FIGURA 2**A vegetação nativa no movimento moderno**

Da esquerda para à direita temos:

(i) *Paisagem de Tarsila do Amaral*, 1925;

(ii) *Dois Mulheres do mangue com cactos* de Lasar Segall, 1928 e

(iii) *Casa modernista* projetada por Gregori Warchavchik em 1927 com *jardim de cactáceas* projetado por Mina Warchavchik

Mesmo os jardins de Mina Klabin Warchavchik possuir o caráter tropical por conter “riquezas de plantas típicas brasileiras” (A PRIMEIRA, 1928, p. 3) é, nos anos de 1930, com Burle Marx, que elas são pensadas em associação, onde para além da estética prevalecia a ecologia, a fitoassociação. Entender as exigências de cada espécie vegetal era um dos princípios projetuais de Burle Marx.

Voltando à Praça Euclides da Cunha, considera por Burle Marx como um jardim essencialmente ecológico, as espécies que a compuseram foram coletadas no Sertão pernambucano, uma ação inusitada para a época (Tabela 1).

Tabela 1
Paleta vegetal histórica da Praça Euclides da Cunha

Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
AGAVACEAE			
<i>Agave sisalana</i>	Sisal	Herbáceo	Caatinga
ANACARDIACEAE			
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma pyriforme</i>	Pereiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
BIGNONIACEAE			
<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipê-roxo	Arbóreo	Caatinga; Amazônia; Cerrado; Mata Atlântica; Pampa; Pantanal
<i>Handroanthus</i> sp.	Ipê	Arbóreo	-
BROMELIACEAE			
<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira-de-flecha	Herbáceo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Hohenbergia catingae</i>	Bergia	Herbáceo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Neoglaziovia variegata</i>	Caroá	Herbáceo	Caatinga
CACTACEAE			
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Harrisia adscendens</i>	Rabo-de-raposa	Herbáceo	Caatinga
<i>Melocactus bahiensis</i>	Coroa-de-frade	Herbáceo	Caatinga; Cerrado
<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Arbustivo	Caatinga
<i>Pilosocereus piauhyensis</i>	Facheiro	Arbustivo	Caatinga
<i>Opuntia dillenii</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Opuntia inamoena</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Tacinga palmadora</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga
<i>Tacinga funalis</i>	Quipá	Arbustivo	Caatinga

Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
FABACEAE			
<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Libidibia ferrea</i> var. <i>ferrea</i>	Jucá	Arbóreo	Caatinga; Carrasco; Floresta Estacional Decidual
<i>Poincianella pyramidalis</i>	Catingueira	Arbóreo	Caatinga; Amazônia
EUPHORBIACEAE			
<i>Cnidocolus quercifolius</i>	Favela	Arbóreo	Caatinga
MALVACEAE			
<i>Ceiba glaziovii</i>	Paineira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro</i>	Joazeiro	Arbóreo	Caatinga

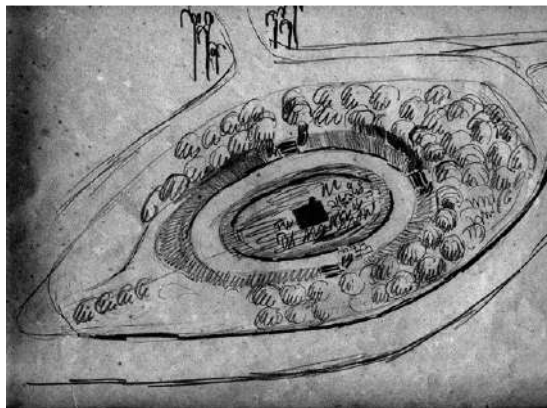
* Para a determinação do 'Domínio fitogeográfico' tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil / Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Burle Marx estabeleceu em uma zona litorânea do Recife um microclima da caatinga para poder garantir a sobrevivência das espécies, sobretudo de cactáceas. No núcleo da praça, área dedicada às cactáceas e bromeliáceas [que passou a ser chamado de cactário], o paisagista empregou as rochas como elemento de composição e que também tinham a função de captar calor durante o dia e dissipá-lo a noite, garantindo, com isso, uma área quente e seca.

O cactário foi envolto por dois anéis de espécies arbóreas. No sentido núcleo-periferia da praça. O *primeiro* anel era composto por vegetação pertencente a fitofisionomia do Sertão e, o *segundo*, por espécies da área de transição – Caatinga / Mata Atlântica, já que suportariam os ventos úmidos (Figuras 3 e 4). É justamente esta configuração que vemos se percorrermos do litoral ao Sertão de Pernambuco (SILVA, 2018; 2014). Uma escultura de um homem de tanga - obra de Celso Antonio - foi indicada por Burle Marx para compor a paisagem na praça sendo locada no cactário. A escolha de Celso Antonio, como escultor, só vem a reforçar a aproximação de Burle Marx com os principais personagens do movimento moderno.

A Praça Euclides da Cunha compôs um sistema de espaços livres públicos idealizado por Burle Marx na década de 1930, denominado de *Plano de aformoseamento*, momento em que era Diretor do Setor de Parques e Jardins da então Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, e que abarcou 13 sítios. A Praça Euclides da Cunha (1935) juntamente com a Praça de Casa Forte (1935), a Praça do Derby (1936), o conjunto Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das

Princesas (1937), a Praça Ministro Salgado Filho (1957) e a Praça Faria Neves (1958), também obras de Burle Marx, foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural. Conforme Silva (2018), o Tombamento oficial foi declarado em 2014 e publicado no Diário Oficial da União em 20/11/2014 e incluiu tais sítios nos livros do Tombo Histórico, de Belas Artes e no Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, contudo, é só em 13/06/2017 que ocorre a inscrição de modo efetivo. Em 2016, mediante o Decreto nº 29.537 de 23/06/2016, a Praça Euclides da Cunha, juntamente com mais quatorze sítios, foi classificada como jardim histórico pela Prefeitura do Recife.



Acervo: Sítio Roberto Burle Marx.

FIGURA 3

Praça Euclides da Cunha. Croqui do projeto paisagístico por Roberto Burle Marx, 1935



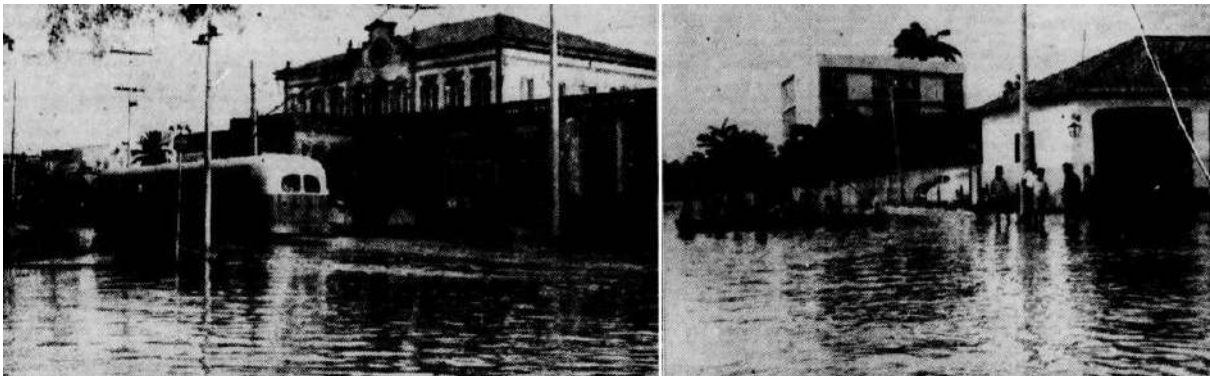
Fonte: Portal Recife de Antigamente.

FIGURA 4

Paisagem da Praça Euclides da Cunha, ca.1940

Da descaracterização ao restauro da Praça Euclides da Cunha

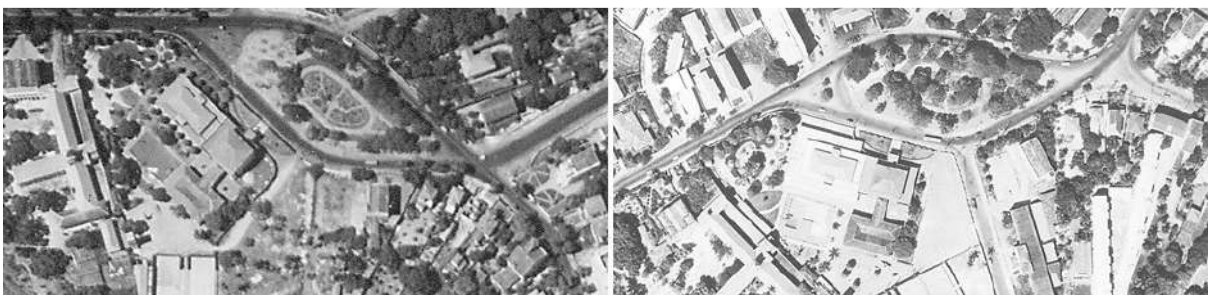
A paisagem sertaneja da Praça Euclides da Cunha resistiu até meados da década de 1960, mesmo sofrendo com as cheias de 1960, 1961 e 1962 que atingiram a praça severamente, como pode-se ver nas seguintes passagens: “A praça Euclides da Cunha, no Benfica, onde se situa o clube Internacional, ficou, também, inteiramente alagada” (RECIFE, 1960, p. 7), “E como acontece em face da sua vizinhança do rio [Capibaribe], a rua Benfica, desde a Escola de Belas Arte, passando pela praça Euclides da Cunha até o escritório da CTU, foi invadida pelas águas” (RUA, 1961, p. 11), “Os temporais caídos no Recife, nos dois últimos dias, também inundaram diversas áreas da cidade” Uma transversal da Praça Euclides da Cunha” (RUAS, 1962, p. 1) (Figura 5). Cogita-se, com base nos documentos históricos, que as cheias foram o ponto de partida para o crescimento de vegetação arbórea dentro e fora do cactário, como podemos ver na Figura 6.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1961, p. 11.

FIGURA 5

Aspecto do Bairro do Benfica alagado pela cheia de 1961, onde pode-se ver o Clube Internacional, que fica em frente à Praça Euclides da Cunha



Fonte: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco. Cortesia de Raquel Nadine.

FIGURA 6

Ortofotocartas da Praça Euclides da Cunha

Ao lado esquerdo em 1951 e ao lado direito em 1967, após as cheias da década de 1960 onde pode-se ver, principalmente no cactário, indivíduos arbóreos já adultos.

Apesar das dissonâncias climáticas para o estabelecimento da vegetação e das cheias do Rio Capibaribe, foram as intervenções realizadas pela Prefeitura do Recife, principalmente na década de 1970, por não ter conhecimento do projeto original de Burle Marx, que contribuíram ainda mais para a descaracterização da Praça Euclides da Cunha.

Em 1971, o prefeito Augusto Lucena (1971-1975) implementou na cidade do Recife o projeto *Poder Verde* criado e coordenado pela agrônoma Janete Freire, então diretora do Departamento de Paisagismo da Secretaria de Viação e Obras. O projeto visava ampliar o número de árvores na capital pernambucana já que a cidade passava por um crescimento urbano. Assim, a cidade do Recife bateu recorde “das capitais brasileiras segundo Agência Nacional na política de arborização das grandes cidades” (PODER VERDE, 1971, p. 13).

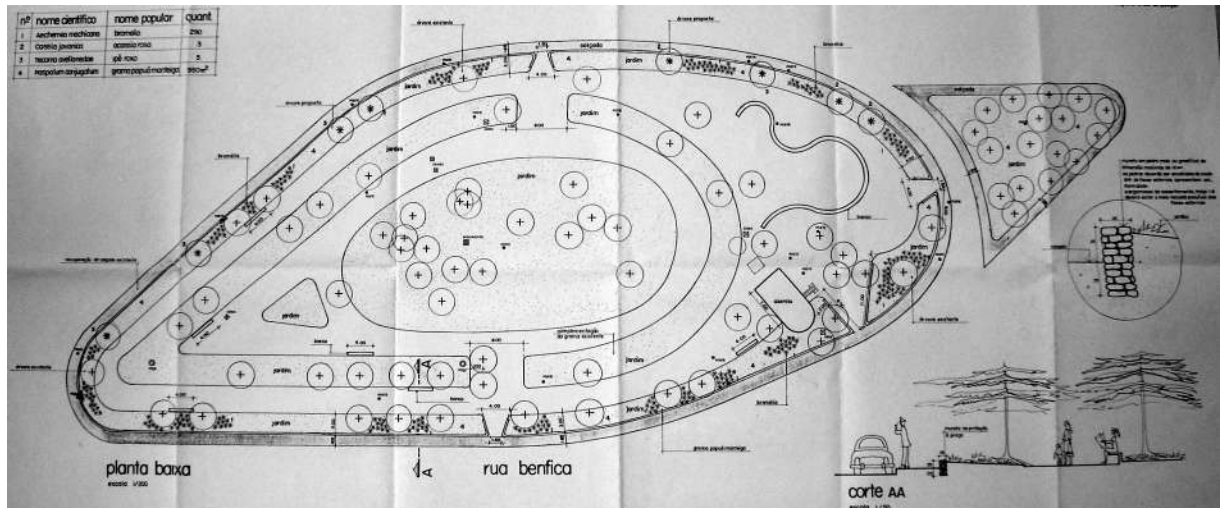
O título veio em decorrência de uma dinâmica de arborização nas praças do Recife, e entre elas estava a Praça Euclides da Cunha. “no dia 10 [10/12/1971] será a vez da praça Euclides da Cunha (...). Lá você verá muitas árvores e novos bancos. Tudo restaurado com carinho, bom gosto” (PODER VERDE, p. 13).

Contudo é em janeiro de 1972 que o projeto de remodelação da Praça Euclides da Cunha é executado com a “instalação de um novo jardim do tipo agreste, restauração e ampliação do gramado, circulação em areia e execução de bancos em concreto” (PODER VERDE, 1972, p. 9).

Com a cheia de 1º de maio de 1977 a Praça Euclides da Cunha foi, entre as 46 praças atingidas, a mais danificada, tanto que o Departamento de Paisagismo decidiu pela “abertura de edital para a realização da recuperação” (LUTA, 1977, p. 4).

Tantas intervenções, e sem respeitar a ideia projetual de Burle Marx, ocasionou a descaracterização da Praça Euclides da Cunha onde, conforme Sá Carneiro e Mesquita (2003), o principal motivo foi o fato de que as espécies herbáceas e arbustivas da Caatinga, presentes no cactário, não suportarem o sombreamento causado pelas espécies arbóreas, tanto as introduzidas como as que se estabeleceram mediante a dispersão de sementes das árvores matrizes que configuravam os dois anéis da praça.

Na década de 1980 o Departamento de Paisagismo cria um programa de longo prazo para a recuperação das praças do Recife (FONTES, 1982); e, em 1985 a Empresa de Obras Públicas realizou várias propostas paisagísticas para as praças da capital pernambucana e uma delas, de autoria da arquiteta Beatriz Varejão, foi para a Praça Euclides da Cunha (Figura 7).



Acervo: Mapoteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

FIGURA 7

Proposta paisagística para a Praça Euclides da Cunha de autoria de Beatriz Varejão, julho de 1985

No projeto, se observa que o cactário já possuía vegetação arbórea adulta. Para o novo plantio foram especificadas duas espécies arbóreas: a *Cassia javanica* (cássia-rosa), exótica e o *Handroanthus impetiginosus* (ipê-roxo) que tem como domínio fitogeográfico: Caatinga, Cerrado, Floresta Amazônica, Pantanal e Floresta Atlântica. Como forração foram indicadas a *Aechmea mexicana* (bromélia), também exótica e o *Paspalum conjugatum* (grama-papuã) que tem ocorrência na Floresta Amazônica, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. A *Paspalum conjugatum* foi usado para a recuperação do gramado dos dois anéis e as outras três espécies só foram indicadas para compor o primeiro anel. A escolha de espécies exóticas, bem como o local de plantio, reflete um total desconhecimento da concepção original da Praça Euclides da Cunha.

Na Figura 8, de 2001, observa-se o adensamento arbóreo no cactário, o que contribuiu para a morte das espécies herbáceas das famílias Cactaceae, Bromeliaceae e Euphobiaceae. Face ao processo de descaracterização - tanto a nível

do traçado como da vegetação -, uma parte da memória paisagística do Recife estava se perdendo. Frente a isso, a Prefeitura do Recife e o Laboratório da Paisagem da UFPE iniciaram em 2001 as discussões sobre o processo de restauro da Praça Euclides da Cunha, assim como da Praça do Derby e da Praça Faria Neves.



Fonte: Laboratório da Paisagem da UFPE.

FIGURA 8

Vista aérea da Praça Euclides da Cunha em 2001. Vê-se a concentração de árvores no núcleo das cactáceas

Na Tabela 2, podemos observar a composição florística da Praça Euclides da Cunha em 2002, antes do restauro, na qual das 19 espécies presentes na praça, 8 são exóticas e/ou não pertencentes ao domínio fitogeográfico da Caatinga, correspondendo a 42.10% do total.

Tabela 2

Composição florística da Praça Euclides da Cunha antes do restauro

Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico****
ANACARDIACEAE			
<i>Mangifera indica</i> ***	Mangueira	Arbóreo	Exótica
<i>Myracrodruon urundeuva</i> *	Aroeira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> *	Pereiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
ARECACEAE			
<i>Acrocomia intumescens</i> **	Macaibeira	Palmeira	Mata Atlântica
<i>Livistona rotundifolia</i> **	Palmeira-Filipina	Palmeira	Exótica
<i>Roystonea oleracea</i> *	Palmeira-imperial	Palmeira	Exótica

Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico****
BIGNONIACEAE			
<i>Handroanthus impetiginosus</i> ***	Ipê-roxo	Arbóreo	Caatinga; Amazônia; Cerrado; Pantanal; Mata Atlântica
BURSERACEAE			
<i>Commiphora leptophloeos</i> *	Imburana	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia laetiviren</i> *	Imbaúba	Arbóreo	Amazônia
FABACEAE			
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> *	Tamboril	Arbórea	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Libidibia ferrea</i> var. <i>ferrea</i> *	Jucá	Arbórea	Caatinga
<i>Mimosa artemisiana</i> *	Jurema-branca	Arbórea	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Pithecellobium dulce</i> **	Acácia-mimosa	Arbórea	Caatinga; Amazônia; Mata Atlântica
<i>Poincianella pyramidalis</i> **	Catingueira	Arbórea	Caatinga
MALVACEAE			
<i>Chorisia glaziovii</i> *	Paineira	Arbórea	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
MYRTACEAE			
<i>Psidium guajava</i> **	Goiabeira	Arbórea	Caatinga; Amazônia; Mata Atlântica; Cerrado
<i>Syzygium jambolanum</i> **	Azeitoneira	Arbórea	Exótica
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i> *	Caramboleira	Arbórea	Exótica
RHAMNACEAE			
<i>Ziziphus joazeiro</i> ***	Juazeiro	Arbórea	Caatinga

Fonte: São Carneiro e Mesquita (2003). **** Para a determinação do *Domínio fitogeográfico* tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil / Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Missouri Botanical Garden.

* Espécie presente fora do cactário;

** Espécie presente dentro do cactário;

*** Espécie presente dentro e fora do cactário.

Ao comparar a vegetação inventariada em 2002 com a paleta vegetal histórica da Praça Euclides da Cunha constatou-se que 12 das 19 espécies, ou seja, 63.16% não faziam parte do repertório botânico de Burle Marx (Tabela 3). Mesmo algumas espécies sendo do domínio das caatingas, não foi verificado, nos registros históricos, nenhuma referência a elas. E, no que se refere ao quantitativo de espécies da paleta vegetal histórica, 65.21% não mais configurava a Praça Euclides da Cunha (Tabela 4).

As espécies *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Commiphora leptophloeos* (imburana), *Mimosa artemisiana* (jurema-branca) e *Pithecellobium dulce* (acácia-mimosa), pertencem ao domínio das caatingas e que estavam na praça antes do restauro, e que não foram indicadas por Burle Marx, possivelmente foram plantadas em 1972, em decorrência do projeto *Poder Verde*.

Tabela 3

**Espécies presentes na Praça Euclides da Cunha
antes do restauro e que não foram especificadas por Burle Marx**

Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
ANACARDIACEAE			
<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Arbóreo	Exótica
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
ARECACEAE			
<i>Acrocomia intumescens</i>	Macaibeira	Palmeira	Mata Atlântica
<i>Livistona rotundifolia</i>	Palmeira-Filipina	Palmeira	
<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	Palmeira	Exótica
BURSERACEAE			
<i>Commiphora leptophloeos</i>	Imburana	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia laetiviren</i>	Imbaúba	Arbóreo	Amazônia
FABACEAE			
<i>Mimosa artemisiana</i>	Jurema-branca	Arbóreo	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Pithecellobium dulce</i>	Acácia-mimosa	Arbóreo	Caatinga; Amazônia; Mata Atlântica
MYRTACEAE			
<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	Arbóreo	Caatinga; Amazônia; Mata Atlântica; Cerrado
<i>Syzygium jambolanum</i>	Azeitoneira		Exótica
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i>	Caramboleira	Arbóreo	Exótica

* Para a determinação do Domínio Fitogeográfico tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil / Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Missouri Botanical Garden.

Tabela 4

**Espécies que foram especificadas por Burle Marx e que não foram encontradas
na Praça Euclides da Cunha antes do restauro**

Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
AGAVACEAE			
<i>Agave sisalana</i>	Sisal	Herbáceo	Caatinga
ANACARDIACEAE			
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
BROMELIACEAE			
<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira-de-flecha	Herbáceo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Hohenbergia catingae</i>	Bergia	Herbáceo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Neoglaziovia variegata</i>	Caroá	Herbáceo	Caatinga

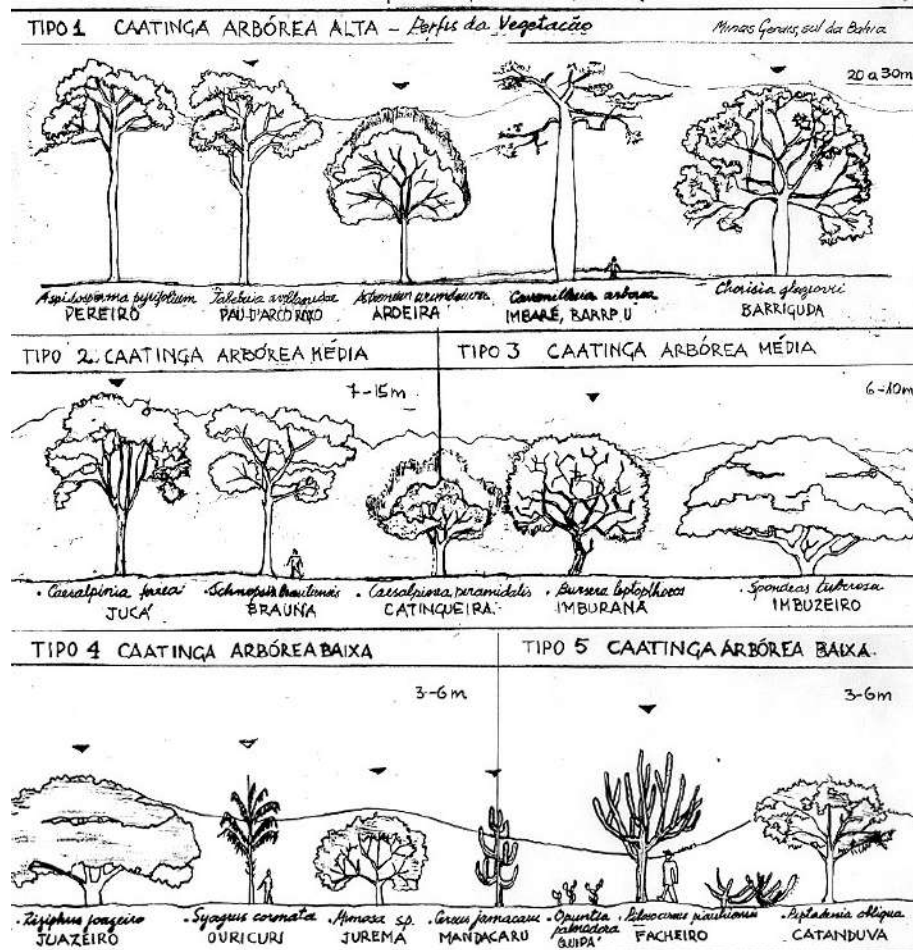
Família / Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
CACTACEAE			
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Harrisia adscendens</i>	Rabo-de-raposa	Herbáceo	Caatinga
<i>Melocactus bahiensis</i>	Coroa-de-frade	Herbáceo	Caatinga; Cerrado
<i>Opuntia dillenii</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Opuntia inamoena</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Arbustivo	Caatinga
<i>Pilosocereus piauhyensis</i>	Facheiro	Arbustivo	Caatinga
<i>Tacinga palmadora</i>	Palma	Arbustivo	Caatinga
<i>Tacinga funalis</i>	Quipá	Arbustivo	Caatinga
EUPHORBIACEAE			
<i>Cnidocolus quercifolius</i>	Favela	Arbóreo	Caatinga

* Para a determinação do *Domínio Fitogeográfico* tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil/ Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Para a construção dos lineamentos do projeto de restauro foi imprescindível um estudo detalhado da fitofisionomia da Caatinga [*Domínios da Caatinga*], que englobou: (i) o estudo da paisagem sertaneja e a diversidade vegetacional *in loco* e (ii) análise dos depoimentos de Burle Marx e de Joaquim Cardozo - presentes nos jornais de época -, e das iconografias (SÁ CARNEIRO, 2009).

O estudo da fitofisionomia da Caatinga, e não só da pernambucana, foi de fundamental importância para convencer os órgãos ambientais da necessidade do restauro, mais precisamente o Conselho Municipal de Meio Ambiente. Ficou sob responsabilidade da arquiteta e ecóloga Liana de Barros Mesquita o estudo da fitofisionomia e da fitoassociação da Caatinga que teve por base os postulados do botânico Dárdano de Andrade-Lima,¹ onde foram destacadas as características estruturais e morfológicas de cada espécie (Figura 9) o que garantiu uma aproximação com a intencionalidade de Burle Marx para a Praça Euclides da Cunha, - a paisagem sertaneja -, mesmo sendo introduzidas outras espécies da Caatinga que não foram indicadas pelo paisagista. Tais ações foram respaldadas pela Carta de Florença (1981) que em seu Art. 12 especifica que a escolha das espécies vegetais a serem plantadas no jardim “deve ser feita tendo em conta as práticas estabelecidas e reconhecidas nas diferentes regiões botânicas e hortícolas”. Desta forma, a *integridade visual* foi o foco do restauro, já que segundo Silva (2017) permite o especialista perceber e sentir uma emoção estética favorecida pela presença da ideia de quem concebeu o jardim e sua presença garantirá a autenticidade do bem, isso significa dizer que a integridade visual do jardim

histórico independe da autenticidade das espécies vegetais [matéria] desde que as novas espécies possuam uma aproximação plástica com às do projeto original.



Fonte: Sá Carneiro e Mesquita (2003, p. 38-40).

FIGURA 9

Estudo de Liana Mesquita dos Domínios das Caatingas para o restauro da Praça Euclides da Cunha

O restauro da Praça Euclides da Cunha só foi possível mediante o manejo de 25 árvores de 7 espécies, sendo a maioria presente no cactário, a saber: *Chorisia glaziovii* (barriguda), *Handroanthus impetiginosus* (ipê-roxo), *Ziziphus joazeiro* (juazeiro), *Syzygium jambolanum* (azeitoneira), *Psidium guajava* (goiabeira), *Pithecellobium dulce* (acácia-mimosa) e *Mangifera indica* (mangueira) (Figura 10 e 11). É importante fazer notar a presença, no cactário, da *Chorisia glaziovii*, do *Handroanthus impetiginosus* e do *Ziziphus joazeiro*, espécies que fazem parte da

Caatinga, e que se deu pela dispersão de sementes, já que tais espécies existiam na praça.



Acervo: Laboratório da Paisagem da UFPE.

FIGURA 10

Praça Euclides da Cunha, 2003. Manejo da vegetação arbórea



Acervo: Laboratório da Paisagem da UFPE.

FIGURA 11

Praça Euclides da Cunha, 2003. Canteiro central sem vegetação arbórea

Outro ponto importante no processo de restauro foi a decisão de manter no jardim árvores e palmeiras que não faziam parte da fitofisionomia da Caatinga, por se encontrarem em bom estado fitossanitário, como: *Averrhoa carambola* (caramboleira), *Mangifera indica* (mangueira), *Roystonea oleracea* (palmeira-imperial), *Livistona rotundifolia* (palmeira-filipina) e *Acrocomia intumescens* (macaibeira). Esse pensamento deixa claro que o processo de restauro é uma ação contínua e aponta para a necessidade de um plano de gestão da conservação para que, no futuro, tais indivíduos sejam substituídos por espécies do projeto original (Figura 12).



Acervo: Laboratório da Paisagem da UFPE.

FIGURA 12

Praça Euclides da Cunha, 2003

Indivíduos mantidos de *Mangifera indica* e *Roystonea oleracea* [de trás da estação elevatória] e de *Livistona rotundifolia* e *Acrocomia intumescens* [no cactário]

Mesmo com a descaracterização, mais intensiva no cactário, ainda foi possível encontrar espécies que representavam 8 dos 12 domínios das caatingas, assim como a escultura do sertanejo. A vegetação da Caatinga introduzida na execução do projeto de restauro foi proveniente da sementeira da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, localizada no sertão do estado de Alagoas (SÁ CARNEIRO e MESQUITA, 2003) (Figura 13). Na Tabela 5 pode-se ver a composição florística da Praça Euclides da Cunha ao final do restauro, representada por 28 espécies, 26 gêneros e 11 famílias botânicas. Destas espécies 4 são exóticas.



Acervo: Laboratório da Paisagem da UFPE.

FIGURA 13

Praça Euclides da Cunha, 2004. Realização do plantio de espécies das Famílias: Cactaceae, Euphorbiaceae e Bromeliaceae no canteiro central e reconstrução dos anéis com vegetação arbórea e gramado

Tabela 5

Composição florística da Praça Euclides ao final do restauro

Família/Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
ANACARDIACEAE			
<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Arbóreo	Exótica
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Arbóreo	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma pyrifolium</i>	Pereiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
ARECACEAE			
<i>Acrocomia intumescens</i>	Macaibeira	Palmeira	Mata Atlântica
<i>Livistona rotundifolia</i>	Palmeira-filipina	Palmeira	Exótica
<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	Palmeira	Exótica
BIGNONIACEAE			
<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipê-roxo	Arbóreo	Amazônia; Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica; Pantanal
<i>Tabebuia aurea</i>	Craibeira	Arbórea	Caatinga; Amazônia; Cerrado; Mata Atlântica; Pantanal
BROMELIACEAE			
<i>Bromelia laciniosa</i>	Macambira-de-cachorro	Arbóreo	Caatinga
<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira-de-fleche	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
CACTACEAE			
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Arbustivo	Caatinga; Cerrado
<i>Melocactus bahiensis</i>	Coroa-de-frade	Herbáceo	Caatinga; Cerrado
<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Herbáceo	Caatinga; Cerrado
<i>Pilosocereus piauhyensis</i>	Facheiro	Herbáceo	Caatinga
<i>Tacinga funalis</i>	Quipá	Herbáceo	Caatinga
<i>Tacinga palmadora</i>	Urumbeba	Herbáceo	Caatinga
CELASTRACEAE			
<i>Maytenus rigida</i>	Bom-nome	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
FABACEAE			
<i>Bauhinia forficata</i>	Mororó	Arbóreo	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Chloroleucon tortum</i>	Jurema	Arbóreo	Mata Atlântica
<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	Arbóreo	Caatinga; Mata Atlântica; Cerrado
<i>Erythrina velutina</i>	Mulungu	Arbóreo	Caatinga; Amazônia, Cerrado; Mata Atlântica
<i>Libidibia ferrea</i> var. <i>ferrea</i>	Jucá	Arbóreo	Caatinga
<i>Mimosa artemisiana</i>	Jurema-branca	Arbóreo	Caatinga; Mata Atlântica
<i>Poincianella pyramidalis</i>	Catingueira	Arbóreo	Caatinga
MALVACEAE			
<i>Chorisia glaziovii</i>	Paineira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i>	Caramboleira	Arbóreo	Exótica
RHAMNACEAE			
<i>Zizyphus joazeiro</i>	Joazeiro	Arbóreo	Caatinga

* Para a determinação do Domínio Fitogeográfico tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil / Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Missouri Botanical Garden.

As espécies *Handroanthus impetiginosus* (ipê-roxo), *Aspidosperma pyrifolium* (pereiro), *Chorisia glaziovii* (paineira), *Enterolobium contortisiliquum* (tamboril), *Libidibia ferrea* var. *ferrea* (jucá), *Mimosa artemisiana* (jurema-branca) e *Poincianella pyramidalis* (catingueira) já se encontravam na praça, antes do restauro, e possuíam porte adulto. Outras como, *Chloroleucon tortum* (jurema), *Erythrina velutina* (mulungu) e *Tabebuia aurea* (craibeira) foram introduzidas no momento do restauro e, mesmo não tendo sido especificadas por Burler Marx - tomando por base a paleta vegetal histórica -, são espécies típicas da região da Caatinga e elementos marcantes na paisagem sertaneja.

Com o passar do tempo e por falta de uma manutenção contínua, algumas espécies não conseguiram se estabelecer já que a vegetação predominante - da Caatinga -, não condiz com as condições edafoclimáticas da região. Na Tabela 6 apresenta-se a composição florística da Praça Euclides da Cunha no ano de 2015 representada por 24 espécies, 23 gêneros e 11 famílias botânicas. A distribuição espacial dos indivíduos de cada espécie pode ser vista na Figura 14.

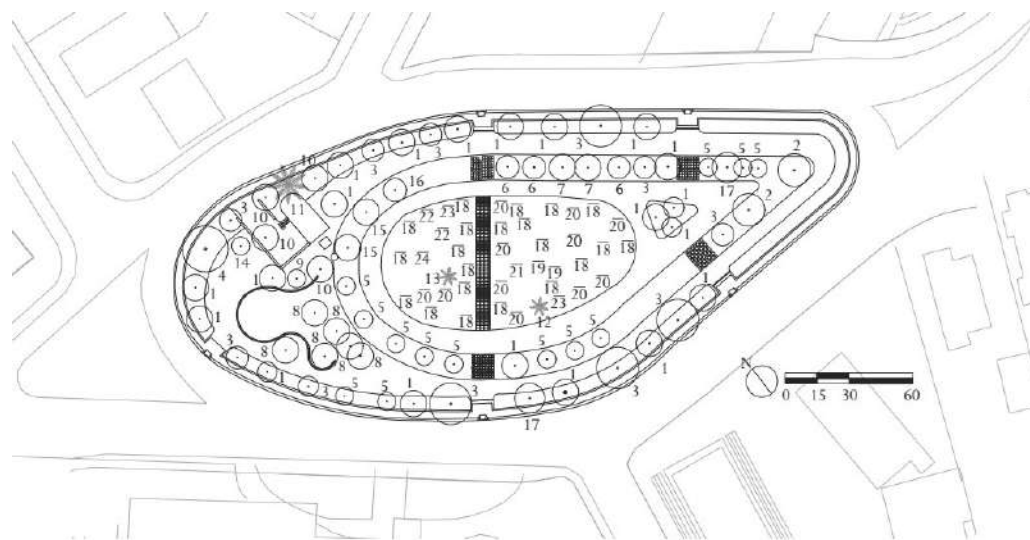
Tabela 6

Composição florística da Praça Euclides em 2015

Família/Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
ANACARDIACEAE			
<i>Mangifera indica</i>	Mangueira	Arbóreo	Exótica
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Arbóreo	Caatinga; Cerrado
APOCYNACEAE			
<i>Aspidosperma pyrifolium</i>	Pereiro		Caatinga; Cerrado
ARECACEAE			
<i>Acrocomia intumescens</i>	Macaibeira	Palmeira	Mata Atlântica
<i>Livistona rotundifolia</i>	Palmeira-filipina	Palmeira	Exótica
<i>Roystonea oleracea</i>	Palmeira-imperial	Palmeira	Exótica
BIGNONIACEAE			
<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipê-roxo	Arbóreo	Caatinga; Amazônia; Cerrado; Mata Atlântica; Pampa; Pantanal
<i>Tabebuia aurea</i>	Craibeira	Arbóreo	Amazônia; Caatinga; Cerrado, Mata Atlântica; Pantanal
BROMELIACEAE			
<i>Bromelia laciniosa</i>	Macambira-de-cachorro	Herbáceo	Caatinga
<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira-de-fleche	Herbáceo	Caatinga; Cerrado, Mata Atlântica

Família/Espécie	Nome popular	Extrato	Domínio fitogeográfico*
CACTACEAE			
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Arbusto	Caatinga; Cerrado
<i>Mimosa artemisiana</i>	Jurema-branca	Arbóreo	Mata Atlântica
<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Herbáceo	Caatinga; Cerrado
<i>Pilosocereus piauhyensis</i>	Facheiro	Herbáceo	Caatinga
<i>Tacinga palmadora</i>	Palma	Herbáceo	Caatinga
EUPHORBIACEAE			
<i>Euphorbia lactea</i>	Candelabro	Arbustivo	Exótica
FABACEAE			
<i>Chloroleucon tortum</i>	Jurema	Arbóreo	Cerrado; Mata Atlântica
<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	Tamboril	Arbóreo	Caatinga; Cerrado, Mata Atlântica
<i>Erythrina velutina</i>	Mulungu		Caatinga; Cerrado
<i>Libidibia ferrea</i> var. <i>ferrea</i>	Jucá	Arbóreo	Carrasco; Floresta Estacional Decidual
<i>Poincianella pyramidalis</i>	Catingueira	Arbóreo	Amazônia; Caatinga
MALVACEAE			
<i>Chorisia glaziovii</i>	Paineira	Arbóreo	Caatinga; Cerrado; Mata Atlântica
OXALIDACEAE			
<i>Averrhoa carambola</i>	Caramboleira	Arbóreo	Exótica
RHAMNACEAE			
<i>Zizyphus joazeiro</i>	Joazeiro	Arbóreo	Caatinga

* Para a determinação do Domínio Fitogeográfico tomou-se por base a Lista de Espécies da Flora de Brasil / Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Missouri Botanical Garden.



Especificação da vegetação

1. *Handroanthus impetiginosus*; 2. *Erythrina velutina*; 3. *Caesalpinia ferrea* var. *ferrea*; 4. *Enterolobium contortisiliquum*; 5. *Caesalpinia pyramidalis*; 6. *Zizyphus joazeiro*; 7. *Spondias tuberosa*; 8. *Tabebuia aurea*; 9. *Averrhoa carambola*; 10. *Mangifera indica*; 11. *Roystonea oleracea*; 12. *Acrocomia intumescens*; 13. *Livistona rotundifolia*; 14. *Aspidosperma pyriforme*; 15. *Chloroleucon tortum*; 16. *Mimosa artemisiana*; 17. *Ceciba glaziovii*; 18. *Encholium spectabile*; 19. *Cereus jamacaru*; 20. *Bromelia laciniosa*; 21. *Euphorbia lactea*; 22. *Opuntia palmadora*; 23. *Pilosocereus gounellei*; 24. *Pilosocereus piauhyensis*

Desenho de Joelmir Marques da Silva, Eduarda Dantas e Wilson de Barros.

FIGURA 14
Planta baixa da Praça Euclides da Cunha onde pode-se ver a distribuição espacial dos indivíduos de cada espécie

Confrontando a paleta vegetal histórica da Praça Euclides da Cunha, com o inventário de 2015 pôde-se constatar que espécies da Família Euphorbiaceae bem como, o *Melocactus bahiensis* (coroa-de-frade) e a *Tacinga funalis* (quipá) não estão presentes na praça, no entanto, com exceção das euforbiáceas, o *Melocactus bahiensis* e a *Tacinga funalis* foram introduzidos no momento do restauro, mas que por problemas de manutenção, principalmente correlata a drenagem da água do cactário, não resistiram. A única espécie de Euphorbiaceae presente atualmente na praça é a *Euphorbia lactea* (candelabro) proveniente da Índia.

Ao contemplar a Praça Euclides da Cunha em sua totalidade percebe-se claramente a mensagem que Burle Marx deixou, em 1935, para Pernambuco que foi doar um jardim em que se achem aliadas a higiene e a arte, ao par da educação e cultura.

Considerações

Mudança - condição inerente aos jardins. Na Praça Euclides da Cunha as mudanças foram evidentes e expressivas no componente vegetal chegando a um alto grau de descaracterização pelo crescimento de espécies, tanto introduzidas como espontâneas, principalmente no cactário.

Tal situação é um reflexo da não inclusão dos jardins como prioridade no planejamento urbano. Contudo, a Praça Euclides da Cunha, tão questionada desde a época de sua criação, e mesmo ante as modificações, permanece embelezando a cidade...é uma marca na paisagem.

Respeitar a evolução do jardim e não privilegiar uma época em detrimento de outra, constituiu o juízo crítico de valor, amparado em critérios estéticos e históricos, que embasou a elaboração dos projetos de restauro. Se colocarmos atenção ao que foi exposto, pode parecer um tanto quanto atrevido tentar estabelecer uma metodologia rigorosa para o processo de restauro de jardins históricos, dado que o estudo metuculoso e profundo das diversas características do jardim é que nos dá o melhor suporte para qualquer intervenção. Tomando por base o projeto de restauro da Praça Euclides da Cunha fica claro que o ato de restaurar nem sempre é uma intervenção imediata, pois vai se construindo e se moldando ao longo do tempo.

Devolver ao mundo, e de forma mais direta aos brasileiros, a Praça Euclides da Cunha, não em sua forma pristina, mas em um nível satisfatório de aproximação ao que intencionou Burle Marx foi tarefa árdua, porque estamos falando da complexidade da conservação da vida do jardim. Para que essa obra de arte continue cumprindo seu papel é de fundamental importância a presença do jardineiro, categoria profissional extinta pela Prefeitura do Recife na década de 1990.

O jardineiro é fundamental para a conservação do jardim e deve ter uma formação prática e experimentada em jardinaria, viveiros, cultivos, inclusive da história da arte do jardim. Ademais, urge que os órgãos de proteção criem viveiros para a produção de espécies dos jardins históricos, o que é uma questão essencial.

O arquiteto Tom Wright em *El mantenimiento y la conservación de los jardines históricos* ao falar dos jardineiros sinaliza que o entusiasmo e dedicação que põem esse profissional e encarregados não servem de nada se eles não possuem experiência. O futuro de nossos jardins históricos depende do caráter, da formação e da provisão de jardineiros. Se desejamos preservar os jardins devemos fazer caso dos jardineiros cuidadosos e previsores.

NOTAS

1. Dárdano de Andrade-Lima (1917-1981). Engenheiro Agrônomo, professor e pesquisador na área de botânica. Deixou inúmeros trabalhos sobre fitogeografia do Brasil e dedicou grande parte de sua vida ao estudo da vegetação de áreas secas.

REFERÊNCIAS

Fontes

DE BELLAS ARTES – Tarsila do Amaral. *Para Todos*, 19 maio 1928, p. 36.

FONTES restauradas. *Diário de Pernambuco*, 16 jun. 1982, p. 7.

LUTA contra cheia provoca desabrigo: Recuperadas praças e jardins. *Diário de Pernambuco*, 27 maio 1977, p. 4.

UMA PINTORA paulista em Paris: Tarsila do Amaral faz vehemente defesa do modernismo. *O Jornal*, 9 dez. 1928, p. 3.

A PRIMEIRA realização da arquitetura moderna em São Paulo: Gregori Warchavchik, a quem cabe as horas da iniciativa, fala ao Correio Paulistano. *Correio Paulistano*, 08 jul. 1928, p. 3.

PODER Verde começa a reinar no Recife com restauração do Parques 13 de Maio. *Diário de Pernambuco*, 10 nov. 1971, p. 13.

PODER Verde domina a cidade. *Diário de Pernambuco*, 01 jan. 1972, p. 9.

RECIFE: 10 mil desabrigados. *Diário de Pernambuco*, 18 mar. 1960, p. 7.

RUA do Benfica muito atingida. *Diário de Pernambuco*, 16 abr. 1961, p. 11.

RUAS alagadas no Recife. *Diário de Pernambuco*, 03 jul. 1962, p. 1.

SÃO PAULO e a arquitetura nova. *Ilustração Brasileira*, set. 1929.

Bibliografia

ANDRADE-LIMA, Dárdano. The Caatingas dominium. *Revista Brasileira de Botânica.*, n. 4, p. 149-153, 1981.

ANDRADE-LIMA, Dárdano. Estudos Fitogeográficos Pernambuco. *Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica*, Recife, v. 4, p. 243-274, 2007.

CARTA DE FLORENÇA (1981). In: CURY, Isabelle. (Brasil). *Cartas Patrimoniais*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000, p. 253-258. Edições do Patrimônio.

ROCHA, Ricardo de Souza. Tropicalismo e (in)disciplina: Gregori Warchavchik e Wladimiro Acosta. *Anais do Museu Paulista*, v. 26, p. 1-18, 2018.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. *Restaurando o Recife de Burle Marx: a Praça Faria Neves, a Praça do Derby e a Praça Euclides da Cunha*. Recife, 2003.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. Restauração dos jardins das Cactáceas de Burle Marx. In: SÁ CARNEIRO, Ana Rita; BERTRUY, Ramona Isabel Pérez. *Jardins históricos brasileiros e mexicanos*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009, p. 211-240.

SILVA, Joelmir Marques da. *Integridade visual nos monumentos vivos: os jardins de Burle Marx*. Recife, 2017. 224 f. Dissertação (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Joelmir Marques da. A Praça Euclides da Cunha, a paisagem sertaneja materializada em um jardim histórico moderno e patrimônio cultural do Brasil. *Patrimônio e Memória*, v. 14, n. 1, p. 126-150, 2018.

SILVA, Joelmir Marques da. O Verde Histórico da Praça Euclides da Cunha. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, v. 9, p. 1-20, 2014.

Joelmir Marques da Silva é Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e dos Programas de Pós-Graduação em Diseo, Planificación y Conservación de Paisajes y Jardines da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), unidade de Azcapotzalco, no México, e em Desenvolvimento Urbano da UFPE. Doutor em Desenvolvimento Urbano pela UFPE. Mestre em Diseo, Planificación y Conservación de Paisajes y Jardines pela

UAM. Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE. Graduado em Biologia pela Universidade de Pernambuco (UPE). Membro do International Scientific Committee on Cultural Landscapes (ISCCL) do International Council on Monuments and Sites / International Federation of Landscape Architects (ICOMOS/IFLA) e Membro do ICOMOS-Brasil. Pesquisador do Laboratório da Paisagem e da INCITI – Pesquisa e Inovação para as Cidades, ambos da UFPE.

Como citar:

SILVA, Joelmir Marques da. O restauro da Praça Euclides da Cunha: a paisagem sertaneja de volta ao jardim. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 221-243, jul./dez. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.